OLHAR, AMAR E SERVIR NA ATUAÇÃO DOCENTE

Nilce Helena da Mota¹

RESUMO: Neste presente artigo a abordagem será considerada através de uma ancoragem da afetividade docente, pois a ação de educar nos moldes atuais tornaram a educação vulnerável, ou seja, a relação entre docente e discente sem lanços afetivos - tem gerado inúmeros conflitos na aprendizagem. O foco será no ensino/aprendizagem com amabilidade. A metodologia será embasada em pesquisas bibliográficas, de caráter interpretativo, de reflexão docente, visando oportunizar ao docente dignificar seu relacionamento diário com o discente numa abordagem de empatia, propiciando vínculos harmoniosos entre os sujeitos aprendente e ensinante. Para tanto, é indispensável um novo olhar na ação educativa, para podermos alcançar um desenvolvimento mais eficaz nesta relação que está desgastada, mediante a blindagem estrutural do próprio sistema que, impõe a estes mesmos sujeitos um encapsulamento permeado pela burocratização do ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Docência. Discente. Mediação. Aprendizagem.

ABSTRAT: In this present article, the approach will be considered through an anchoring of teacher affectivity, since the proceeding of educating in the current molds has made education vulnerable, that is, the relation between teacher and student without emotional strings - has generated numerous conflicts in learning. The focus will be on teaching / learning with kindness. The methodology will be based on bibliographical researches, of an interpretive character, of teacher reflection, aiming at giving the teacher an opportunity to dignify their daily relationship with the student in an approach of empathy, providing harmonious bonds between the learner and teacher subjects. For this, a new look at educational action is indispensable in order to achieve a more effective development in this relationship that is worn out, through the structural shielding of the system itself, which imposes on these same subjects an encapsulation permeated by the bureaucratization of teaching.

KEY WORDS: Affectivity. Teaching. Student. Mediation. Learning.

¹ Graduada em Letras pela UNIVAP, S. J. Campos, SP; Graduada em Pedagogia pela Faculdade Dottori, SP/SP; Pós em Língua Portuguesa - Leitura e Produção de Textos pela UNIVAP, S. J. Campos, SP; Pós em Língua Portuguesa pela UNICAMP, Campinas, SP; Pós Docência do Ensino Superior pela IEVAP, Jacaré, SP; Mestranda em Ciência da Educação pela Unigrendal - linha de pesquisa: Sujeito, Formação e Aprendizagem; III ENC Promovendo a escrita em inglês por meio das Wikis, pela IFUSP - USP; COLE - 16º Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, SP; VII EPG - Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, SJCampos, SP ; VIII EPG - Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, S. J. Campos, SP. nilcehlmt@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Pensar numa educação afetiva é almejar construir e otimizar, de modo mais consciencioso, os potenciais dos sujeitos envolvidos, bem como efetivar inferências nos sujeitos atuantes na educação, onde ambos precisam *"aprender a aprender"*, *"aprender a pensar"*, *"aprender a estudar"*, *"aprender a se comunicar"*, o que alargará, exponencialmente, as competências de resolução de problemas, já que toda incumbência educativa, dar-se-á na progressão destas aptidões.

Para tanto, é indispensável um novo olhar na ação educativa, para podermos alcançar um desenvolvimento mais eficaz nesta relação que está desgastada, mediante a blindagem estrutural do próprio sistema que, impõe a estes mesmos sujeitos um encapsulamento permeado pela burocratização do ensino. Aonde o espaço educativo vem a ser um dos primeiros, se não único - por um período de tempo, de troca de mediação social.

Desta feita, é indispensável que o docente rompa com os moldes pedagógicos que não estão surtindo efeito, considerando os baixos índices alcançados pelo alunado tanto nas avaliações internas como nas promovidas pelo estado, assim como a violência crescente no ambiente escolar.

Conforme Rossini (2005), precisamos acreditar no potencial humano e na certeza de que nossa maior riqueza é o homem. E esse homem tem que ser desenvolvido na sua criatividade, sua imaginação, no seu conhecimento, no seu domínio das relações interpessoais.

Acreditar no outro é oferecer-lhe um mecanismo de segurança e a liberdade para que abra o seu espaço e explore o que tem de melhor dentro de si. Muitas vezes o indivíduo torna-se dependente de aprovações externas e passa a vida inteira infeliz, porque não desenvolveu a habilidade de integrar as diferenças.

E é no relacionamento com os semelhantes que descobrimos nossas diferenças. As relações interpessoais nos possibilitam ver nós mesmos. Para que isto aconteça, faz-se necessário um exercício, uma construção de saberes, ou seja, um aprendizado.

De acordo com Oliveira, o aluno que não se enquadra nos padrões de aprendizagem em qualquer nível/ciclo, acaba sendo excluído, o que gera uma falsa dificuldade, pois a escola deveria ser facilitadora da aprendizagem, onde o educador deve promover um clima de confiança, flexibilidade, respeito e liberdade.

O percurso de desenvolvimento do ser humano é, em parte, definido pelos processos de maturação do organismo individual, pertencente à espécie humana, mas é a aprendizagem que possibilita o despertar de processos internos do desenvolvimento que se não fosse o contato do indivíduo com um determinado ambiente cultural, não ocorreriam. Em outras palavras, o homem nasce equipado com certas características próprias da espécie (por exemplo, a capacidade de enxergar por dois olhos, que permite a percepção tridimensional, ou a capacidade de receber e processar informação auditiva), mas as chamadas funções psicológicas superiores, aquelas que envolvem consciência, intenção, planejamento, ações voluntárias e deliberadas, dependem de processos de aprendizagem (VYGOTSKY, 1984, apud OLIVEIRA, 2003, p. 55-56).

O docente deve sempre estar atento às expressões e sentimentos dos alunos, fazendo-os reconhecer suas próprias limitações, criando assim, situações prazerosas de aprendizagem, incentivando-os na autoavaliação para que seja desenvolvida de forma natural e espontânea a independência, a criatividade e a autoconfiança.

Segundo Briggs (2000), a autoestima não é formada unicamente em uma fase, mas eternamente construída e sujeita a mudanças. Logo a base familiar e escolar deve ser segura e confiante a fim de que possa superar as dificuldades da vida com mais facilidade. Com frequência, o educando é tendencioso e transfere para o espaço educativo as relações significativas existentes no ambiente familiar, sejam elas positivas ou negativas.

Uma convivência familiar apropriada é de suma importância, visto que é nesta ambiência que a criança irá aprimorar-se enquanto indivíduo, exercitando seus fundamentos elementares como atitudes, linguajares, e esta dimensão é de uma soberana relevância para as convivências futuras. Todavia se houver algum entrave nesta educação preliminar dos familiares, arriscar-se-á numa conduta que poderá prejudicar a coexistência deste ser, no meio social.

Os professores carecem de permanecer atentos para diagnosticar as manifestações onde os sintomas são reativos a conflitos familiares. Para isto, faz-se necessário uma fundamentação teórica que sustente suas hipóteses e permita-lhes estruturar com segurança suas práticas. “Os profissionais da educação precisam estar aparelhados para a prevenção, o diagnóstico e os possíveis estratagemas para viabilizar a resolução dos problemas de aprendizagem escolar”, afirma Bossa (2000). Tais problemas requerem uma intervenção especializada.

É indispensável que advenha orientações para o educando com problema de aprendizagem, para os educadores e para a família. Muitos pais tendem a acreditar que o filho “vai mal na escola” por puro desinteresse.

É demagogia responsabilizar, de antemão, os familiares. A análise deve ser feita com muita cautela, visando o engajamento da família para que esta se torne parceira da unidade escolar e corresponsável pelo desenvolvimento do educando.

Conforme Pelatto (2002):

Família é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construírem algo e de se complementarem. É através dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, aprendendo a viver o jogo da afetividade de maneira adequada. Mas para que essa adequação ocorra é preciso que haja referências positivas, cuidadores encarregados de estabelecer os limites necessários ao desenvolvimento de uma personalidade emocionalmente equilibrada. Para os jovens, as referências são pessoas, palavras, gestos que vão proporcionar a formação da identidade. Jovens que estabelecem vínculos harmoniosos nos seus momentos de frustração, por meio dos quais recebem amor e compreensão, desenvolverão uma identidade sadia, conseguindo suportar frustrações até o momento adequado para realizar seus desejos (PELATTO, 2002, p. 65).

O que constatamos hoje é uma ausência de uma identificação sólida. A autoridade do pai, da mãe, dos líderes políticos, entre outros, estão sendo questionadas diariamente. O tronco familiar está em crise, a sociedade está em crise; e a instituição escolar é o reflexo da família e da sociedade. No entanto, ela tem uma atribuição imprescindível na constituição de novos paradigmas.

Os docentes conseguirão exercer uma liderança positiva à medida que se dedicarem a trabalhar as relações humanas. Sabemos que é função da família coletivizar e formar os sucessores como indivíduos. Numerosas análises e pesquisas verificam que jovens problemáticos são consequências de grupos familiares desestruturados, onde o cuidar é precário e que, não está subordinado ao nível socioeconômico, ainda assim não proporcionaram afetividade satisfatória.

O estabelecimento de ensino que tem pessoas engajadas num olhar mais holístico entende o indivíduo (seja ele aluno ou as demais pessoas envolvidas) como um ser dinâmico, receptivo, reflexivo e aprendente - oferece-lhe o melhor de si próprio. Doa-se sem reservas a fim de que o educando cresça, desenvolva-se e faça a diferença na sociedade, respeitando-se o ritmo de cada ser.

METODOLOGIA

Para este artigo a metodologia será embasada em pesquisas bibliográficas, assim sendo, caracterizar-se-á como uma pesquisa teórica, de caráter bibliográfico e interpretativo, configurando-se num processo de reflexão docente, visando propiciar ao docente elevar seu discente a uma abordagem de empatia, propiciando vínculos harmoniosos entre os sujeitos aprendentes e ensinantes.

O trabalho teórico será norteado pela leitura reflexiva, ativação de conhecimentos prévios e percepção de mundo analisando os teóricos da pedagogia afetiva, assumindo que a realidade é subjetiva e socialmente construída.

CRIANDO VÍNCULOS AFETIVOS

Dizemos que queremos formar para a autonomia, para a criticidade, nesse ínterim, não admitimos que nossos filhos, bem como os educandos nos interpelem que nos questionem. As relações não são mais verticais, de cima para baixo. Estamos na era da comunicação horizontal; do diálogo, da troca de experiências.

Pelatto (2002) também afirma que:

“Uma família sadia sempre tem momentos de grata e prazerosa emoção alternados com momentos de tristeza, discussões e desentendimentos, que serão reparados através do entendimento, do perdão tão necessário e da aprendizagem de como devemos nos preparar adequadamente para ser cidadãos sociáveis. Quando falta a um jovem essa estrutura familiar (ausência de pai e mãe), outras pessoas (parentes ou mesmo a sociedade) poderão assumir o papel de cuidadores, respeitando as necessidades desse ser em formação: alguém que lhe proporcione a oportunidade de viver muito amor, acompanhado de medos, raivas e ciúmes. Convém ressaltar que a tarefa de cuidar adequadamente de um ser em formação é extremamente difícil, pois exige dos educadores capacidade de lidar com os conflitos gerados pelos impulsos dos jovens em direção ao prazer imediato e às necessidades biopsíquico-sociais de cada momento. Os adolescentes precisam de educadores (pais, professores) que lhes proporcionem a vivência da afetividade. É através de experiências vividas com os cuidadores que eles vão estruturar as relações que estabelecerão com a sociedade de modo geral (PELATTO, 2002, p. 74).

Cabe ao educador especialista estruturar, junto ao educando e familiares diretos, as relações fragmentadas com o intuito de que todos consigam perceber a indispensabilidade de respeito à individualidade de cada um. Com as desavenças emocionais amenizadas começa-se a trabalhar focalizando o objetivo da aprendizagem. Esta ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, baseado numa

relação vincular. São através das relações interpessoais que o sujeito adquire novas formas de pensar e agir construindo novos conhecimentos.

Porém, para que esse processo tenha êxito o docente não poderá descuidar do vínculo afetivo estabelecido entre ele e o discente. É o vínculo afetivo que sustenta toda a aprendizagem, tornando-se fundamental no decurso de todo o período de construção dos saberes.

Os jovens precisam de limites por parte do cuidador, seja o pai, a mãe, o educador ou qualquer pessoa responsável.

Para Pelatto (2002):

Esse sujeito cuidador, em nome do afeto que sente pelo jovem, vai ajudá-lo a não destruir a própria fonte de amor, impedindo-o de agir em nome da raiva ou do medo. Deve-se permitir a manifestação do sentimento, porém impedir atos que aliviem apenas provisoriamente a dor do sentimento de desprazer. Pode-se sentir medo e/ou raiva; pode-se expressá-los através de choro ou palavras; só não se pode destruir a fonte de tais sentimentos, pois ela é também a fonte de seu prazer maior: o amor. O cuidador deve impor os limites necessários com autoridade, mas sem ser autoritário. Ao dizer a uma criança: “não quero que você me bata” e segurar sua mão, impedindo-a de realizar o ato, estou instituindo um limite. Dizer à criança que ela está errada em querer me bater, que ela está tendo um desejo ruim, etc., implica desvalorizá-la e impor-lhe uma outra identidade diversa da que ela manifesta no momento. Os prejuízos dessas posturas inadequadas são conhecidos por todos nós. Estabelecer um limite é oferecer à criança os extremos, a fronteira até onde ela pode ir ou não naquele momento (PELATTO, 2002, p. 80).

Quando o docente consegue criar laços afetivos com o discente, estabelece um relacionamento de respeito. É essa conexão de respeito que permite ao aluno se deixar conduzir e aceitar os limites estabelecidos.

O alunado deve ser visto como uma pessoa de valor inalienável. Toda pessoa humana tem uma dignidade intrínseca que ninguém lhe pode roubar. Tem o direito de existir e ser quem é; do modo que é, com suas características próprias. A educação não deve ser vista como uma ação terapêutica, mas quando refletimos que educar é um ato transformador, e que visamos promover alteridades no sentido da vida e que essa alteridade está imbricada no desenvolvimento interpessoal, vemos que a consciência será ampliada, os valores de cada um sofrerá um impacto positivo, onde lapidaremos nosso ser individual em prol da coletividade.

Cabem aos profissionais da área da educação o despertar do educando, a serem eles mesmos. A identificar e potencializar seus dons e talentos, oportunizando seu protagonismo.

OLHAR, AMAR E SERVIR NA ATUAÇÃO DOCENTE

Conforme nos relata Fernandez (1991), o docente, baseado no confronto com a resolução do problema de aprendizagem, [...] encontra o terreno ideal para observar a inteligência submetida ao desejo, não podendo desconhecer nem a um nem a outro, facilitando-se a compreensão do tipo de relações que se estabelecem entre uma estrutura de caráter claramente genético que vai se autoconstruindo, e uma arquitetura desejante, mesmo que não seja genética, vai entrelaçando a pessoa que tem uma história.

Ao olhar o problema de aprendizagem desse sujeito, o docente tem o encargo de direcionar o seu olhar para todo um contexto histórico. Mesmo contando com a parceria que envolve outros profissionais da área, ele não pode deixar de tomar posse de múltiplos olhares.

O seu olhar não pode ignorar a historicidade e a cultura geradora de crenças que norteiam a vivência do sujeito. Como diz Fernández (1991): o professor não pode deixar de observar o que sucede entre a mentalidade e os desejos inconscientes. É desejo de toda gente ser feliz, ser bem aceito na sociedade, ser uma pessoa bem sucedida na vida.

Diante da demanda de jovens e adultos com problemas relacionados à dificuldade com a aprendizagem formal, requer do educador o buscar, obstinadamente, a uma formação contínua.

Não existe manual para cada caso, porém ao estudarmos alguns casos, setas nos são indicados para construirmos caminhos.

Muitos jovens são levados às escolas sem saber exatamente porque estão ali. Outros continuam sentados à beira do caminho porque não têm recursos. Alguns insistem em mendigar do sistema educacional que deem conta de um processo educativo inclusivo e eficiente. Em se tratando de políticas públicas educativas há muitos ruídos. Como está cego à beira do caminho, precisamos primeiro desejar, querer e lutar pela realização do desejo.

Muitas barreiras serão encontradas, mas é preciso lutar com todo o nosso ser a fim de que experiencie aprendizagem, intervêm o nível cognitivo e o desejante, além do organismo e do corpo, observa Fernandez (1991).

Enquanto a intelectualidade sugere apropriar-se do objeto conhecendo-o, generalizando-o, incluindo-o em uma classificação, o desejo recomenda apropriar-se do

objeto, representando-o. Quando o alunado leva em consideração de que carece de orientação e sabe com quem pode contar e em quem confiar, ele se empenha, conecta-se para impulsionar tais mudanças. À vista disso é imprescindível acolher as diferenças, amar as pessoas como elas são.

Quando temos liberdade de escolha, a criatividade também flui a nosso favor. A educação formal não pode ser vista como um impedimento, uma barreira, uma dificuldade, uma limitação.

Quantas limitações e impedimentos não encontramos quando queremos ultrapassar os limites impostos pelo sistema?

Ao colocar-se a caminho, o educador, ofertará possibilidades. Quando um aluno começa a ter desejo de mudança ele mesmo dará os primeiros passos nessa direção. Desta feita o docente se antecipa; e de antemão, sabe que, *a priori*, o sujeito aluno precisa ser bem acolhido, para sentir-se em casa.

Algumas pessoas estão tão bloqueadas que não conseguem dar passos. Ficam presas em seus casulos porque não encontram apoio, acolhimento e amor gratuito, pois o indivíduo precisa de carinho, precisa de afeto.

Para Fernandez, 1991:

Um dos primeiros atos do bebê é a sucção. Não se poderia dizer que é somente um ato pertencente ao nível desejante, ou que é um ato de conhecimento, exclusivamente. O mamar é ao mesmo tempo um ato de prazer e de conhecimento. A diferença entre a atividade inteligente e a simbólica, nestas primeiras etapas da vida, é marcada pelo interesse da inteligência em acomodar-se ao objeto, enquanto que a atividade simbólica desdobra o gesto, para invocar o objeto ausente, subjetiva a experiência, substitui o objeto por um gesto que representa, entre outras coisas, sua ausência. Através do primeiro ato de amor, o bebê está construindo sua inteligência e conhecendo - diferenciando “chupável” de “não chupável”, classificando durezas, gostos, olfatos (FERNANDEZ, 1991, p. 64).

Desde o nascimento o sujeito tem desejos e deve ser atendido em suas necessidades afetivas. O professor muitas vezes tem que começar o seu trabalho preenchendo de forma ‘simbólica’ às necessidades afetivas não satisfeitas durante a trajetória de vivência do alunado.

Certamente haverá lacunas que jamais poderão ser preenchidas, no entanto o contato com a história de vida possibilitará ao sujeito aluno reorganizar o presente assumindo a responsabilidade pelas escolhas atuais; pois o que já passou não será mudado, mas pode servir para se caminhar de uma nova forma, com novos olhares.

Não basta ao professor olhar e analisar as avaliações, trabalhos e cadernos do educando. Ele precisa conhecer sua história de vida, seus anseios, medos, desejos, frustrações, expectativas, discernir o que ele pensa e sente para conseguir compreender onde está à falha, o que inibe sua aprendizagem.

À proporção que o docente interage com seu discente, poderá detectar se revela ciúmes, sentimentos de menor valia, inadequação ao ambiente, sentimentos de solidão, de exclusão; tudo isso pode gerar problemas de aprendizagem escolar.

A pessoa que se percebe excluída também pode sentir-se diminuída em seu âmago a motivação para lutar por seus projetos e ideais. Outros não se conformando com a exclusão procuram todos os recursos disponíveis para mudar de vida.

Fazendo uma analogia desse exemplo com o sistema educacional, podemos concernir que o tanque é o ambiente privilegiado do saber. É onde ocorre de forma prazerosa o andamento de uma aprendizagem significativa e inclusiva, do qual todos querem fazer parte.

Para ter acesso a esse espaço existem *cinco pórticos*, ou seja, cinco entradas. Por mais que a educação seja um direito garantido de todos, nos espaços educativos existe algum tipo de seleção. Quando um problema parece muito difícil, a pessoa tem a tendência a fugir dele. Sozinho parece que não tem forças para lutar; porém no seu íntimo mais íntimo há uma esperança - que outra pessoa poderá vir ao seu encontro.

O educador que vê o problema instalado; quer ser solidário, mas não se impõe, coloca-se como orientador, como amigo. A fim de que a inclusão aconteça, para o discente sair de um estágio e entrar em outro, sair da esfera do ignorar e revestir-se de conhecimento, precisa desejar, querer com todas as forças do seu coração e permitir ser orientado.

No que concerne ao empenho, ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe meio termo. Ou você faz uma coisa bem feita ou não faz.

É evidente que os chamados normais serão privilegiados. “Sabemos muito bem o que entendemos por normal quando estamos falando do corpo. [...] Sabemos também o que entender por um intelecto normal. Mas a criança de corpo é, e intelecto normal ou mesmo supranormal, pode mesmo assim estar muito longe do normal como personalidade, no seu todo. (WINNICOTT, 1990, p.140).

A estrutura orgânica do homem exige uma integração e harmonia com o todo. O discente poderá apresentar dificuldade em sua progressão aprendente por uma

questão de linguagem. Aparentemente esse jovem não apresenta nada de anormal, porém, ao mudar de cidade e ser matriculado num colégio novo, seu rendimento escolar cai porque não realiza fazer a ligação da linguagem que lhe é dirigida com a sua vida.

Vejamos um exemplo:

Uma família migrou do interior de Pernambuco para São Paulo. A criança nascida em São Paulo foi criada com a mãe e os avós maternos, cuja linguagem, é regionalizada e carregada de vícios. O único contato que essa criança tem com outras pessoas é na escola. A família não permite que ele brinque com vizinhos. Ele tem 14 anos e está cursando o 8º ano do EF. A queixa: “ele fala tudo errado”. A professora dizia diante da turma que o seu jeito de falar era errado, o certo seria ele falar igual aos outros. A criança entrava em conflito porque em casa todos falavam igual a ele. Essa profissional não respeitou sua forma de expressão da regionalidade inerente ao seu aluno. Proposta: Integração, visto que a educação não é transitória. O aluno precisa sentir-se acolhido, amado e respeitado em sua diferença; a partir daí se estabelecerá entre docente/discente um vínculo afetivo e ambos conseguirão avançar no processo de aprendizagem. (WINNICOTT, 1990, pág. 149)

Para Scoz (1994), ao invés de adotar comportamentos que só servirão para estigmatizar os alunos, caberia à instituição escolar levá-los a se apropriarem do dialeto. Para alguns docentes a questão do “dialeto”, também, torna-se um problema de aprendizagem; pois acabam julgando a linguagem do aluno como “errada”.

Segundo Grün (2006), a escola deveria ajudar os alunos a apropriarem-se do “dialeto” para saírem da condição de marginalidade e discriminação e buscar uma autoafirmação, ampliando experiências e cultura em seu espaço social. Não há ‘saber mais ou saber menos’, há saberes diferentes.

Por haver um desconhecimento do recurso de aquisição da língua escrita, por parte de alguns professores, estes se frustram porque os alunos não correspondem as suas expectativas, pois os mesmos não compreendem as hipóteses abordadas por Grün (2006), posto que a educação afetiva produz cidadania saudável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante que, no ambiente escolar, seja proposto desafio, oportunizando aos alunos seu avanço e, concomitantemente, tenha discernimento que os desafios precisam ser dosados, em conformidade a evolução de cada sujeito - ciente que a edificação de saberes implica em acomodação e equilíbrio. Assim sendo, se o ambiente

em que ela vive há meios que possibilite esse contato mais precocemente, portanto compreenderá que as práticas sociais estão correlacionadas com a escrita.

Como sabemos, muitos fatores podem atrapalhar a progressão aprendente, tais como: problemas no relacionamento professor – aluno, problemas familiares, problemas com o conteúdo escolar ou com a metodologia; problemas de ordem física, problemas psicológicos e muitos outros.

Conforme Bossa (2000):

Muitas vezes, uma criança não pode falar sobre os seus problemas porque não os conhece. A criança sofre, mas não sabe o que a faz sofrer. Não conhece a causa de alguns comportamentos e sentimentos que a prejudicam. Mas existe um jeito de falar, sem saber que está falando. Quando a criança brinca, joga, desenha, faz histórias e outras coisas mais, revela sentimentos e pensamentos que desconhece, falando numa outra linguagem: a linguagem do desenho, do brinquedo, do jogo (BOSSA, 2000, p. 89).

A linguagem lúdica é muito utilizada pelos educadores porque revelam conteúdos secretos que se encontram no inconsciente e que se acreditam ser causadores dos problemas de aprendizagem. O docente que cativa os alunos com sua proximidade, com seu conhecimento profundo da alma humana e sua pedagogia afetiva e contextualizada, consegue eficiência em seu trabalho por seu *know-how* de fazer-se próximo do educando.

O educador que usa a linguagem do coração mergulha no outro para resgatar, para apontar caminhos e ser luz. Quem aprende, torna-se iluminado e iluminador. Essa vem a ser um, dentre tantas missões do docente, ser luz. Usar uma linguagem clara e acessível; e atingir o coração.

Precisamos ressignificar nossos espaços educativos com a pedagogia do coração. A disposição para aprender surgirá naturalmente se o coração estiver saudável, inteiro, feliz.

Sabemos que a memória é seletiva; ela retém facilmente aquilo que lhe é atribuído um significado. Os significados vão sendo construídos a partir das experiências, do convívio, das relações interpessoais.

Quando os significados estão perdidos ou não estão sistematizados internamente, podemos contar com a valiosa ajuda desses ilustres especialistas da educação, chamados professores.

Saber trabalhar com o diferente; estruturar o sujeito, não é uma tarefa fácil, mas o professor também deve ter sempre este compromisso social. E a partir das

reflexões envolvidas no transcurso de intervenção, contribuir para o esclarecimento das dificuldades de aprendizagem que não tem como causa apenas deficiências do aluno, mas que são consequências de problemas na instituição escolar, como também na família e outros membros da comunidade que interferem no processo.

É importante que sejamos perspicazes, visto que o ofício do educador se dá numa situação de relação entre pessoas. Quanto maior for o vínculo afetivo estabelecido entre docente e discente, mais eficiente será o resultado do trabalho.

A meta deste profissional é o de conduzir seu alunado, ou a própria instituição a ressignificar o contexto escolar, a fim de que a aprendizagem ocorra de forma natural e prazerosa.

O amor e o respeito às diferenças individuais devem ser o fio condutor que norteará o trabalho do professor. Os métodos, as técnicas, todos os recursos são valiosos, porém muito mais precioso é o caminho que se faz alicerçado num olhar sincero do toque carinhoso que atinge o coração.

Problemas de aprendizagem existem e sempre irão existir, o importante é saber que existe um profissional dedicado que possui ferramentas adequadas para fazer as intervenções necessárias e que está aberto para o trabalho em parceria porque acredita no trabalho em conjunto; onde a integração das diferenças produz a unidade.

Como professores devemos acreditar na mudança, temos que saber que é possível, do contrário não estaríamos ensinando, pois a educação é um constante processo de modificação. Professor não é o que ensina as estruturas, mas o que instiga no alunado o apetite de aprender.

A ação de ensinar e aprender é uma demanda que nos encaminha a múltiplos parâmetros e práxis de aprender e ensinar, é instintivo em nossas rotinas diárias desde o advento de nosso nascimento.

E mediante a vida não há espaço para disfarces, já que somos seres singulares e, para amadurecermos, em suma, é necessário perscrutar nossa *persona*. E enquanto *persona*, é prudente pensar em como nos manifestamos e nos conectamos com o mundo, e isso engloba nossa sociabilidade, bem como a ressignificação desses papéis sociais que desempenhamos. Nessa ação, ora omitimos ora revelamos nossa realidade peculiar. Por isso nos disfarçamos através de máscaras sociais para nos preservar, sincronicamente, por meio desta estratégia; desviamos-nos de nossa natureza, de quem somos de fato.

Desde criança ostentamos máscaras. Quando o filho percebe que seus pais não aceitam um comportamento, passa-se a (re)agir como desejam/ambicionam (ou busca conciliar com as expectativas que os pais conceberam para ele), mesmo que não seja sua natureza. Com o passar do tempo, essa bifurcação comportamental poderá ocasionar variados atritos e vazio íntimo. Podemos citar um paradigma elementar - ao longo da gestação, os pais projetaram que o bebê fosse menina ou menino e, quando essa criança nasce, o sonho idealizado é frustrado, portanto essa criança, inconscientemente, busca agradar a mãe, o pai ou a ambos; passa a usar máscaras representando de acordo com as expectativas de seus pais para ser acolhido.

Esse comportamento mantém-se enquanto adulto. Arquitetamos-nos em conformidade ao ambiente e/ou ao *script* que decorre desse cenário. Cria-se máscara para a defesa e/ou ataque das provocações externas, o que tornará esse adulto intransigente. Essa muralha de máscaras é edificada com várias demãos de ressentimentos apartando esse adulto de sua essência com um único intento, o de sobreviver em sua esfera social.

Por consequência, o trabalho docente engloba perceber o que sucedeu com este jovem no transcorrer de seu desenvolvimento perante quais motivos e/ou condições essas máscaras se desenvolveram e criaram muralhas na ação aprendente. Essa problematização, por conseguinte, já justificaria a relevância do resgate desse olhar para educar com afetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível, que ainda hoje, muitos profissionais da área da educação ignorem os sentimentos, bem como as emoções e necessidades do alunado no que tange a afetividade, e isso poderá perpetrar nesse indivíduo, erroneamente, que são desajustados, desmerecedores de amor, por vezes implorando fragmentos de atenção e carinho, famintos de afeto, dificultando assim a concatenação dos saberes no encadeamento de significação em suas vidas e quanto isso se relaciona com sua historicidade.

Restaurar o homem e suas afetividades, que habitam em nós, acarreta pensar a respeito de como o gênero humano é construído e/ou reconstruído neste contexto de

espaço-tempo, e que, em todo estágio de vida, é reeditado em suas perspectivas e percursos, através das distintas interações sociais.

O vínculo humano de aprendizado se dá na comunicação intrapessoal – estrutura física, concepções, sagacidade, sensações e afetividade, e na relação interpessoal com os instrumentos da esfera tangível e nas evidências obtidas com as aprendizagens vivenciadas. Conseqüentemente a práxis educativa tem uma incumbência essencial nesse enredo, uma vez que propicia elevar as competências humanas em sucessivos processos de “aprender e reaprender”. Isto implica que, se somos conhecedores desses processos, poderemos vir a estabelecer no convívio entre ensinantes e aprendentes um fator significativa nas condições de aprendizagens genuinamente expressivas.

Exigem-se práticas sociais mais adequadas e humanas em que o aluno não seja enquadrado em classificações pré-estabelecidas e reducionistas, como bem vimos a diferença não é um desvio da humanidade, mas um arquétipo de ser humano. Para viver, é preciso (con)viver – viver com e, (com)partilhar – partilhar com, mesmo tendo conhecimento de que isso ainda não é natural para muitas pessoas, é mister abordar cotidianamente, pois todos devem ter o direito de pertencer onde em nossa sociedade globalizada - compartilhar é a grande palavra e dividir é o grande desafio.

Percebemos, na sociedade, muitas contradições: de um lado, temos um discurso enfocando a imprescindibilidade de igualdade de oportunidades entre os seres humanos, de outro encontramos a exclusão gerada por conta da incapacidade das pessoas em reconhecer a diferença existente entre elas. Em prol de um discurso em busca de produtividade e competitividade, excluem-se as pessoas de seu direito à cidadania, direito de viver e conviver, direito de aprender, direito de compartilhar suas experiências, direito de aprender junto, direito de participar dos diferentes espaços da sociedade; a vida gira em torno de alguns entendimentos ou códigos.

A cada dia, transfigura-se numa maior complexidade para o mundo aceitar os entraves que o ser humano apresenta, pois a ideia de globalização traz consigo a ilusão de que todos são iguais e, com isso, a diferença salta aos olhos e faz com que as dificuldades sejam pouco aceitas.

Nesse sentido, o foco deve ser nas potencialidades, nas possibilidades que o alunado apresenta e não nas impossibilidades, e o docente desenvolverá um papel afetivo e articulador para auxiliar no enfrentamento das adversidades que o processo de

ensino aprendizagem traz. Visto que os processos de aprendizagem estão contidos (ainda que não expressados) no ambiente físico ou social do homem (intrapessoal e interpessoal) e, como ferramenta, pode ser experienciado no trato entre os sujeitos ensinantes e aprendentes em intervenções de sequências proativas, orientando os sujeitos a classificarem os elementos de aprendizado relevantes e significativos em sua própria evolução e, com o outro, averiguar novas competências/habilidades e assimilar esse conhecimento.

A teia do saber (do ensinar e do aprender) é constituída em condições de pluralidade, possibilidades estas a serem planejadas, contextualizadas e delegadas aos seres racionais, que somos todos nós, pois evoluímos no decurso do aperfeiçoamento de nossos sistemas cognitivo, psicossociais e afetivos.

Um novo olhar se impõe, há necessidade de mudança de posturas no intento de possibilitar um mundo melhor, dando um lugar aos sujeitos alunos, não os deixando à margem da sociedade. Também cabe ao docente (re)avaliar conceitos e práticas com o intuito de sair desta relação binária bom/mau, certo/errado, normal/anormal. Afinal, com o objetivo de que o docente realize sua função é imprescindível que este profissional passe pelo processo de ‘conhecer-se para conhecer o outro’ nos diversos contextos sociais. Pensar um novo paradigma, novos conhecimentos, novos conceitos, pensar que cada sujeito aluno tem sua história construída em seus contextos a partir das suas experiências e vivências. Conhecer os sentidos que cada um dá aos fatos, visto que os sentidos existem mesmo que não os reflitamos. Eles estão onde estão os sujeitos.

Pensar na diversidade humana, nas diferenças que os sujeitos apresentam e no know-how aprendente nos espaços - escolares, empresariais, sociais, entre outros - é preciso ponderar que esse é um processo que envolve reflexão e formação continuada do professorado para acompanhar as diferentes situações que são evidenciadas no cotidiano, e essa dinâmica não pode ser considerada um problema.

A principal propositura neste artigo se evidencia na convergência de nossas competências afetivas e com as competências afetivas do outro, à medida que juntos, engendramos oportunidades de sentir/pensar, por intermédio de competências transdisciplinares, sobre nossas concepções de mundo e inferências de diversos saberes em seus variados espaços, ocorrências, tempos e experimentações, e como essas podem vir a revolucionar todo esse sistema de aprendizagem.

Esta pesquisa vem confirmar que o caminho mais eficiente para uma educação de qualidade é qualificar primeiro o coração dos docentes, visto que o *discente não é um objeto inconsciente, o aluno é um ser em construção, e o professor ciente disso constata que o absoluto pode se manifestar.*

Cabe-nos, como docentes, propiciar a mudança no mundo dos discentes. Nosso trabalho jamais termina. Nesse sentido, é menos um trabalho e mais um estado de espírito: visto que devemos estar atentos a como as coisas são, devemos estar sempre dispostos a compartilhar a responsabilidade por elas e determinados a não tornar os percalços da docência um entrave, mas sim a tornar a esperança uma possibilidade, pensando coletivamente, em medidas que nos coloque num processo de alcançar o sucesso aprendente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, N. A. **A Dificuldade De Aprendizagem - O Que São? Como Tratá-Las?** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BRIGGS, D. C. **A autoestima do seu filho.** São Paulo: Martins Fontes: 2000.

FERNANDEZ A. **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre. Artes Médicas, 1991.

GRÜN, A. **Morar na Casa do Amor.** São Paulo, Loyola, 2006.

OLIVEIRA, M. K. de. **Pensar a Educação: Contribuições de Vygotsky.** In.: CASTORINA, J. A. et al. **Piaget – Vigotsky: Novas contribuições para o debate.** 6ª Edição. São Paulo: Ática, 2003.

PELATTO, I. R. **Educação com afetividade – Coleção jovem voluntário, escola solidária.** Editora Fundação Educar Dpaschoal, 2002.

ROSSINI, M. A. S. **Educar para Ser.** Petrópolis,RJ, Vozes, 2005.

SCOZ, B. **O problema escolar e de aprendizagem.** 2ª Edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre o desenvolvimento emocional.** Porto Alegre. Artes Médicas, 1990.